

A LINGUÍSTICA HISTÓRICA ENTRE FLUXOS E REFLUXOS: ANTIGOS E NOVOS CAMINHOS

NATIVAL ALMEIDA SIMÕES NETO
UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA,
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Brasil

MATHEUS SANTOS OLIVEIRA
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Brasil

ANTONIA VIEIRA DOS SANTOS
UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA, Brasil

INDEXAÇÃO | TEXTO | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES

Entradas para indexação

PALAVRAS-CHAVE: LINGUÍSTICA HISTÓRICA. MUDANÇA LINGUÍSTICA. ROSA VIRGÍNIA MATTOS
E SILVA
KEYWORDS : HISTORICAL LINGUISTICS. LINGUISTIC CHANGE. ROSA VIRGÍNIA MATTOS E SILVA

EDITORIAL — Texto integral

A Linguística Histórica, objeto deste dossiê, é tradicionalmente conhecida como o campo de investigação das mudanças nas línguas. Essa área tem como um dos marcos consagradores a hipótese do indo-europeu, nos finais do século XVIII, com o filólogo britânico William Sir Jones. Comparando o sânscrito, o grego e o latim, o pesquisador propôs que essas línguas teriam se derivado de uma língua

ancestral comum, que também teria dado origem a várias outras línguas da Europa e da Ásia. Nesse primeiro momento, a reconstrução de estágios anteriores das línguas passa a ser o principal foco de filólogos-linguistas, caracterizando o que, no século XIX, passou a ser conhecido como a escola histórico-comparativa.


No mesmo século XIX, surgirá a escola neogramática, que passa a interpretar as mudanças linguísticas de maneira imanente, sem focar fundamentalmente as relações de parentesco entre as línguas e se centrando, sobretudo, em mudanças regulares e em analogias. As análises dos neogramáticos são recorrentemente abordadas como as primeiras teorizações da mudança linguística.

Qual seja a escola teórica, histórico-comparativa ou neogramática, pode-se dizer que o século XIX se caracteriza por uma linguística fundamentalmente diacrônica. Isso vai mudar, no começo do século XX, com a consagração dos postulados saussurianos, que tentarão se desvencilhar da orientação filológica e assumirão uma perspectiva fundamentalmente sincrônica para os estudos da linguagem. A partir desse corte teórico-metodológico, as teorias linguísticas ditas pós-saussurianas passam a refletir a linguagem, em primeiro momento, por um viés sincrônico e, depois, acabam esbarrando nas questões relacionadas às mudanças.

É notável, na primeira metade e em parte da segunda metade do século XX, um esmaecimento dos estudos de natureza histórica e/ou diacrônica. Isso começa a mudar com a publicação de “Empirical foundations for a theory of language change” (1968), de Uriel Weinreich, William Labov e Marvin Herzog. Nessa obra, os autores elencam uma série de problemas relacionados à investigação da mudança nas línguas, como *restrição, transição, encaixamento, implementação e avaliação*, e apresentam conceitos-chave, como o *princípio do uniformitarismo*, tomado da geologia. Com base nesse conceito, entende-se que é possível compreender os fenômenos linguísticos do passado com base nos que são vistos no presente, e o contrário também é verdadeiro.

Essas novas formulações acerca da mudança darão um novo fôlego e uma nova face para os estudos da Linguística Histórica, que, agora, pode colocar os elementos de natureza social e sociolinguística como parte importante das análises. Levando em conta essas transformações e olhando para as produções brasileiras, a linguista brasileira Rosa Virgínia Mattos e Silva, a quem é dedicada este dossiê, publica, em 1988, na Revista D.E.L.T.A (Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada), o artigo “Fluxo e refluxo: uma retrospectiva da Linguística Histórica no Brasil”, em que faz a distinção, hoje já bastante conhecida, entre *Linguística Histórica stricto sensu e Linguística Histórica lato sensu*.

Para Rosa Virgínia Mattos e Silva, a Linguística Histórica *stricto sensu* é aquela que tem como objeto principal a mudança. É a ideia mais tradicional de Linguística Histórica, mas, agora, acompanhando o desenvolvimento de teorias linguísticas modernas que também propuseram modelos teóricos para abordagens da mudança, tais como Estruturalismo, Gerativismo, Funcionalismo e Sociolinguística. Quanto à Linguística Histórica *lato sensu*, a autora entende que essa vertente enquadra trabalhos que focam em descrição e análise de dados datados e localizados, o que permite interpretar um dado momento histórico da

língua. Nesse sentido, a Linguística Histórica está completamente associada aos movimentos da Filologia, com seus estudos sobre documentação, recuperação e transmissão de textos. Abordagens *lato sensu*, segundo Mattos e Silva, são as feitas pela Dialetoлогия, Sociolinguística Variacionista e Etnografia Linguística e também os estudos descritivos do português arcaico, como, por exemplo, a obra *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. 

Os 30 anos dessa proposta de Rosa Virgínia Mattos e Silva serviram de motivação para a proposição deste dossiê especial. Professores e estudantes pesquisadores foram convidados a escrever sobre como as áreas e os modelos teóricos com que trabalham podem refletir as questões ligadas à Linguística Histórica. O resultado desses convites são os 27 textos que integram este dossiê, que traz não só novos olhares para discussões iniciadas por Rosa Virgínia Mattos e Silva, como também reflexões acerca de teorias e métodos da mudança linguística dos quais a autora não tratou. O número é, portanto, bastante diverso do ponto de vista teórico-epistemológico.

Para além dessa diversidade, o dossiê se destaca pela adesão de pesquisadores de 22 instituições diferentes, sendo 20 universidades brasileiras, a maioria pública e nordestina, um instituto federal brasileiro e uma universidade portuguesa. Participam do dossiê autores das seguintes instituições: Universidade Federal da Bahia (UFBA), Universidade Estadual de Feira de Santana (UEFS), Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Instituto Federal da Bahia (IFBA), Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade do Estado da Bahia (UNEB), Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade do Vale do Rio dos Sinos (UNISINOS), Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP), Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), Universidade Estadual do Piauí (UESPI), Universidade Federal do Amapá (UNIFAP), Universidade de Brasília (UnB), Universidade Federal de Alagoas (UFAL), Universidade Federal de Ouro Preto (UFOP), Universidade de São Paulo (USP), Universidade Federal de Sergipe (UFS) e Universidade de Coimbra (UC). Não se pode deixar de mencionar a participação da Universidade Regional do Cariri (URCA) neste empreendimento. Aproveita-se este momento para agradecer a essa universidade, à equipe da Revista Macabéa e ao Prof. Dr. Edson Soares Martins, por toda a paciência e a atenção durante o processo.

Feitas essas considerações iniciais, seguem as apresentações dos textos, na sequência em que estão organizados no dossiê. Os nove primeiros textos tratam de abordagens da variação e da mudança dentro de quadros teórico-metodológicos específicos, como Sociolinguística, Gerativismo, Funcionalismo, Gramática de Construções, Linguística Cognitiva, Teoria da Complexidade e Teoria da Otimalidade. Na seguida, aparecem 12 reflexões que abordam questões teórico-epistemológicas sobre a historicidade em diversas áreas de pesquisa, como Linguística de Corpus, Análise de Discurso, Políticas Linguísticas, Línguas Indígenas brasileiras, Tipologia Linguística, Etnografia Linguística, Dialetoлогия, Estudos do português arcaico, Antroponímia, Toponímia e Filologia. Os últimos seis textos são de natureza mais aplicada, tocando, sobretudo, nos níveis de análise

linguística, como fonética, fonologia, morfologia, léxico, sintaxe, semântica e pragmática.



O primeiro artigo, "Sociolinguística, uma disciplina histórica: retrospectiva, desenvolvimentos e aplicações", de autoria de Jacyra Mota (UFBA/CNPq) e Amanda dos Reis Silva (UFBA), apresenta a Sociolinguística, com foco especial na Sociolinguística Variacionista, fazendo referência ao seu desenvolvimento a partir dos estudos de William Labov, à contribuição dos estudos dialetais, ao lugar da variação e mudança nessa perspectiva e às diferentes tendências que assumiu ao longo de sua história. O artigo também traz informações relativas ao desenvolvimento da Sociolinguística no Brasil, como os projetos NURC e o PEUL, e a perspectivas atuais para interpretar a variação linguística, como a Sociolinguística Paramétrica e a Sociolinguística Educacional.

O artigo de Carlos Felipe Pinto (UFBA/UNICAMP/CAPES) e Aroldo Leal de Andrade (UFMG) – "Desmistificando a Gramática Gerativa como uma teoria associal e a-histórica da mudança linguística" – discute a distinção entre "linguística diacrônica" e "linguística histórica", em defesa da inclusão do modelo gerativista neste segundo tipo. Segundo os autores, o modelo gerativista, ao levar em consideração a mudança linguística e assumir a aquisição da linguagem como o *locus* da mudança linguística, corresponde a um modelo social da mudança linguística.

O terceiro artigo, "Gramática e(m) mudança: evidências da interface Linguística Histórica/Funcionalismo", de autoria de Fabrício Amorim (UFBA), objetiva mostrar que o estudo da mudança gramatical representa o ponto de onde emerge a interface entre o Funcionalismo e a Linguística Histórica. O estudo centra-se no cotejo de bases teóricas e metodológicas de cada abordagem, descrevendo-se, com base no trabalho de Amorim (2016), a mudança *histórico-funcional*, apresentada como o objeto de investigação da interface em análise.

A perspectiva da Linguística Sistêmico-Funcional (LSF) é apresentada por Wellington Mendes (UERN) e Maria Medianera Souza (UFPE) no artigo "Linguística Sistêmico-Funcional: contextos, usos e significados". Baseando-se na obra de Halliday e Mathiessen (2014), em trabalhos dela derivados e em pesquisas desenvolvidas sob esse quadro teórico, apresentam e discutem os/as principais pressupostos/concepções que orientam essa vertente de estudos e sua abordagem teórico-epistemológica aplicada ao estudo do funcionamento e da mudança das línguas.

No artigo "Abordagem construcional da mudança linguística", Maria Angélica Furtado da Cunha (UFRN) e Edvaldo Balduino Bispo (UFRN) apresentam a mudança linguística sob a perspectiva da Gramática de Construções. Nesse quadro teórico, sustenta-se que a unidade básica da língua é a construção, compreendida como o pareamento convencionalizado de forma e conteúdo. Inicialmente voltada para pesquisas de cunho sincrônico, essa abordagem tem sido utilizada em alguns estudos com viés diacrônico, incidindo na questão da mudança linguística. Apresenta-se, no artigo, a caracterização de algumas vertentes existentes nesse quadro teórico e a compreensão que se tem, dentro desse mesmo quadro, da mudança linguística. Para tal, os autores ilustram dois tipos de mudança linguística

- a mudança construcional e a construcionalização (TRAUGOTT e TROUSDALE, 2013) – com três fenômenos do português brasileiro.



No artigo “A abordagem construcional nos estudos da morfologia do português: o modelo booiiano em terras brasílicas”, João Carlos Tavares da Silva (UFRJ) apresenta, de forma panorâmica, o modelo da Morfologia Construcional (MC) e a sua aplicação na análise de dados históricos do português. O autor faz um mapeamento de estudos realizados no Brasil, abrangendo variados fenômenos morfológicos, tais como derivação sufixal e prefixal, composição morfológica, morfossintática e sintagmática, splinter e formação de antropônimos.

No quadro teórico da Linguística Cognitiva, desenvolve-se o artigo “O estudo do significado léxico em Semântica Sócio-histórico-cognitiva”, de Ariadne Domingues Almeida (UFBA) e Elisângela Santana dos Santos (UNEB). As autoras discorrem sobre os princípios que nortearam o estudo do significado sob o enfoque sócio-histórico-cognitivo ao longo dos séculos, apresentando caminhos de pesquisa em Semântica sob essa perspectiva, ao mesmo tempo em que propõem uma reflexão sobre a atuação das dimensões biológico-psíquica e sócio-histórico-cultural-político-ideológica nas dimensões pragmático-semântico-lexical-discursivas da linguagem e sobre as consequências que essa atuação pode ocasionar, seja de conservação, mudança e variação de sentidos das palavras no devir do tempo.

No artigo "Sound Change as a Complex Dynamic Phenomenon and the Blurriness of Grammar Stability", Felipe Flores Kupske (UFBA), Reiner Vinicius Perozzo (UFRGS) e Ubiratã Kickhöfel Alves (UFRGS) apresentam o paradigma da Teoria dos Sistemas Dinâmicos Complexos (CDST) aplicada aos estudos linguísticos e, partindo de uma perspectiva dinâmica complexa, discutem variação e mudança sonora como sendo partes básicas e primordiais da essência das línguas naturais.

Carlos Alexandre Gonçalves (UFRJ) e Marisandra Rodrigues (UFF) são autores do artigo "A mudança linguística na perspectiva da Teoria da Otimalidade", que revisita os principais trabalhos sobre a abordagem da variação e da mudança na perspectiva da Teoria da Otimalidade (TO), sendo descritos o Modelo de Restrições Parcialmente Ordenadas (ANTILLA, 1997, 2002, 2007), o Mecanismo de Rearranjos na Hierarquia (HOLT, 2003), a TO Estocástica (BOERSMA & HAYES, 2001) e o Modelo de Ranqueamento Ordenado de EVAL (COETZEE, 2004).

No texto “Contribuições da Linguística de *corpus* para uma pesquisa situada na interface entre semântica lexical cognitiva e lexicografia onomasiológica”, Diego Spader de Souza (UNISINOS), tendo como afã desenvolver bases para dicionários onomasiológicos à luz da Semântica Lexical Cognitiva, defende a relevância da noção de corpus para a pesquisa em Linguística Cognitiva, na medida em que, dessa forma, trabalha-se com dados naturalísticos, que fornecem informações não só linguísticas, mas também de cunho social e histórico.

Rogério Modesto (UESC) e Alan Lobo de Souza (UESPI), no artigo “Dois gestos de leitura em História das Ideias Linguísticas: a ortografia e o dicionário em pauta”, apresentam o objeto da referida área: o saber metalinguístico e o modo como as línguas nacionais se estruturam. Modesto e Souza iniciam o artigo com

uma reflexão sobre a gramatização da língua portuguesa do Brasil, mostrando como a historicidade dá corpo a esse objeto de conhecimento. Os autores, refletindo sobre as questões teórico-metodológicas da História das Ideias Linguísticas, empreendem dois gestos de leitura bastante particulares que põem, segundo eles, um modo de compreensão dos fatos de linguagem em funcionamento: a ortografia e o dicionário.

O artigo “Do multilinguismo generalizado ao multilinguismo localizado: políticas de redução da diversidade linguística na história social linguística do Brasil”, de Gredson Santos (UFBA), discute, a partir da constatação de que a história linguística do Brasil é marcada por políticas glotocidas, a relevância de duas políticas linguísticas aplicadas na região norte do país para a redução da diversidade linguística brasileira.

Em “Estudos diacrônicos de línguas indígenas brasileiras: um panorama”, Andrey Nikulin (UnB) e Fernando O. de Carvalho (UNIFAP) debruçam-se sobre o que os autores chamam de um objetivo duplo: introduzir o leitor a um panorama do estado da arte dos estudos diacrônicos das línguas indígenas brasileiras, promovendo uma aplicação rigorosa dos métodos já consolidados da linguística histórica a essas línguas. Para isso, dando atenção especial ao método histórico-comparativo, Nikulin e Carvalho abordam separadamente os problemas de demonstração de parentesco genético entre as referidas línguas, de subagrupamento, de reconstrução fonológica e sintática de protolínguas e de estudos filológicos que visam a detectar mudanças linguísticas.

O artigo “Tipologia linguística: métodos, generalizações e diacronia”, de João Paulo Lazzarini-Cyrino (UFBA), introduz as principais questões e métodos característicos da Tipologia Linguística, que, segundo ele, é uma área de pouca divulgação em língua portuguesa. A partir da comparação de línguas de diferentes origens e distribuição geográfica, os estudos tipológicos são discutidos por Lazzarini-Cyrino como contribuidores para o conhecimento que se tem sobre o que o autor chama de fenômeno geral da linguagem humana. Nesse texto, o autor discute, também, de que maneira as generalizações tipológicas podem ser aplicadas à diacronia.

Denise Gomes-Dias (UNEB), no texto “*Humboldt é nosso pai: ensaio sobre a cultura, a linguagem e a Etnolinguística*”, dedica-se à discussão sobre o lugar da Etnolinguística no campo dos estudos da linguagem, com especial enfoque para as contribuições de Wilhelm von Humboldt. A Linguística, sob a perspectiva dessa autora, se filia ao escopo máximo e universal de um empenho coletivo para a compreensão do espírito humano. Além de Humboldt (1990), fundamentam a discussão de Gomes-Dias as ideias de autores como Coseriu, Velarde e Cardona, os quais colaboraram para a compreensão do escopo da Etnolinguística à luz das pautas culturais mais amplas às quais se submete um uso linguístico sob estudo.

O artigo “O léxico na Bahia e a variação no tempo”, de autoria de Marcela Moura Torres Paim (UFBA), aborda brevemente a história da Dialectologia no Brasil, discutindo o que se estuda nessa área e quais são os seus atuais desafios. A fim de ilustrar o que tem sido feito nesse âmbito, a autora examina uma amostra do léxico do português brasileiro numa perspectiva diacrônica, com base em dados

do Atlas Prévio dos Falares Baianos (ROSSI, 1963) e do *corpus* do Projeto Atlas Linguístico do Brasil.

Huda da Silva Santiago (UEFS), Mariana Fagundes de Oliveira Lacerda (UEFS) e Zenaide de Oliveira Novais Carneiro (UEFS), no artigo “A filologia e a história das línguas: contribuições do Núcleo de Estudos de Língua Portuguesa da Universidade Estadual de Feira de Santana”, apresentam contribuições que o NELP, fundado em 1988, oferece, em parceria com o Projeto Nacional para a História do Português Brasileiro (PHPB), no âmbito dos Estudos Filológicos e da Linguística Histórica. As autoras apresentam os sete projetos que fazem parte do NELP, dos quais dois – projeto Vozes do Sertão em Dados e projeto Corpus Eletrônico de Documentos Históricos do Sertão – elaboram edições filológicas de documentos brasileiros e realizam estudos sócio-históricos e linguísticos da variedade americana do português.

O artigo “Breve panorama sobre os estudos do português arcaico no Brasil”, de Mailson dos Santos Lopes (UFBA), além de saudar os 30 anos da publicação da obra referencial “Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico”, de Rosa Virgínia Mattos e Silva, faz um levantamento robusto dos trabalhos realizados sobre o período arcaico em solo brasileiro, considerando variadas abordagens: filológicas, etimológicas, fonético-fonológicas, morfológicas, morfossintáticas, sintáticas e semântico-lexicais.

Em “Origens e estruturação histórica do léxico antroponímico brasileiro”, Juliana Soledade (UFBA/UnB) segue o rastro do texto “Origens e estruturação histórica do léxico do português”, de Joseph-Maria Piel, publicado inicialmente em 1976 e republicado na coletânea “Estudos de Linguística Histórica galego-portuguesa”, que também completa 30 anos neste ano. A autora parte da origem latina, mapeando os nomes de pessoas advindos do latim, grego, hebraico, aramaico, línguas pré-indo-europeias, línguas germânicas e língua árabe, e chega até o Brasil, considerando os elementos de línguas indígenas, línguas africanas, línguas de imigrantes, línguas de alcance internacional (inglês e francês) e os chamados brasileirismos, que abrangem as criações lexicais características do léxico antroponímico brasileiro.

No artigo “Contribuições da Linguística Histórica aos estudos toponímicos brasileiros”, Cezar Alexandre Neri dos Santos (UFAL) discute os aspectos sócio-históricos e sociolinguísticos relacionados aos nomes de lugares, objeto da Toponímia. O autor apresenta um quadro histórico das pesquisas realizadas no Brasil, ressaltando a importância da Linguística Histórica e da Filologia para a interpretação dos dados.

“Entre a Filologia e a Linguística Histórica: o texto como artefato histórico” é o artigo de Arivaldo Sacramento de Souza (UFBA) e Hérwickton Israel Nascimento (UNEB/UFBA), que retomam as considerações de Rosa Virgínia Mattos e Silva acerca da imprescindível conexão entre Filologia e Linguística Histórica. Ao defenderem uma leitura filológica como uma estratégia para os estudos históricos das línguas, os autores sinalizam que a historicidade dos textos, além de ser um fator importante, deve integrar ativamente as decisões teórico-metodológicas das pesquisas em Linguística Histórica.

Também inserido na parceria entre a Filologia e a Linguística Histórica, está o texto “Contrato de compra e venda do Mosteiro de Santa Maria de Melón (1231): elementos para a leitura de um texto medieval”, de Leonardo Lennertz Marcotulio (UFRJ) e Marcus Vinicius Pereira das Dores (USP/UFOP). O referido *Contrato* é um texto de fundamental importância, por ser um antigo documento escrito no Reino da Galiza em galego medieval. Os autores reproduzem e comparam edições já feitas desse documento e fazem comentários de natureza paleográfica que funcionam como um guia de leitura para o texto medieval.



Mário Eduardo Viaro (USP) é o autor de “Estudo diacrônico das proparoxítonas portuguesas”, texto em que se comparam as proparoxítonas encontradas no *Dictionarium* de Jerônimo Cardoso (1562-1563), o primeiro dicionário de língua portuguesa, e no Dicionário Houaiss (2001), um dos dicionários mais robustos do português brasileiro contemporâneo. O estudo aponta os aspectos de natureza diacrônica vistos em obras que se distanciam em quase cinco séculos, contribuindo não só para a Fonética Histórica, como também para a Etimologia, a Filologia e a Morfofonologia.

Em “A perspectiva pragmática do Grande Dicionario do Portuguese de Frei Domingos Vieira: uma leitura de dinheiro do século XIX ao XXI”, Enilde Faulstich (UnB), em uma abordagem lexicológica e socioterminológica, mapeia as mudanças de significação e contextualização relacionadas ao conceito de *dinheiro*, partindo do referido dicionário, datado do século XIX, e chegando ao século XXI, quando já se vê o conceito de dinheiro associado a uma série de realidades sociais e virtuais, como as recentes *criptomoedas*.

No âmbito dos estudos da Lexicologia Histórica, vê-se também o artigo “Entre temperos e sabores: o léxico em cena na obra *Tereza Batista Cansada de Guerra*, de Jorge Amado”, de Elias Souza Santos (UEFS) e Rita de Cássia de Ribeiro Queiroz (UEFS). A partir da Teoria dos Campos Lexicais, de Eugenio Coseriu, os autores analisaram os itens léxicos que estão presentes na obra mencionada de Jorge Amado e se referem à área da Gastronomia. O estudo acaba por incentivar uma interface entre Literatura e Linguística, permitindo refletir como as escolhas lexicais são decisivas para a construção de uma obra literária.

O artigo “A sintaxe dos pronomes clíticos no português falado em Feira de Santana-BA: uma comparação com o português luandense”, de Silvana Silva de Farias Araújo (UEFS/UFS/PDJ-CNPq) e Manoel Crispiniano Alves da Silva (UEFS), apresenta uma investigação acerca da colocação de pronomes clíticos na norma culta e popular do português falado na cidade de Feira de Santana-BA. Os resultados encontrados são confrontados com os obtidos na variedade angolana do português pelos mesmos autores. A comparação entre os resultados permite fomentar mais discussões acerca da relevância do contato linguístico na constituição histórica do português brasileiro.

O último artigo deste dossiê é “Prefixação, sufixação e parassíntese no português: harmonia e competição”, de Graça Rio-Torto (UC). Neste estudo, a autora analisa os variados esquemas de afixação disponíveis na língua portuguesa, explorando as relações de coexistência e/ou concorrência e as motivações

subjacentes às escolhas feitas pelos falantes, no que toca aos esquemas usados de maneira produtiva na língua portuguesa contemporânea.



Assim, esta organização é uma contribuição com o conhecimento sobre as atuais agendas de pesquisa na área de Linguística Histórica, sobre a qual se debruçou a homenageada Rosa Virgínia Mattos e Silva. O interesse deste dossiê foi apresentar trabalhos que refletissem diferentes perspectivas teórico-metodológicas dentro da referida área. Neste atual momento, em que se coloca em xeque a qualidade e mesmo a necessidade das ciências humanas e sociais para o país, nada melhor do que reunir pesquisadores de diversos estados brasileiros, e, ainda, uma pesquisadora portuguesa, para, em homenagem a uma das mais brilhantes historiadoras da língua portuguesa, contribuírem com o avanço científico deste país.

Para citar este artigo

SIMÕES NETO, N. A., OLIVEIRA, M. S., SANTOS, A. V. A Linguística Histórica entre fluxos e refluxos: antigos e novos caminhos. **Macabéa – Revista Eletrônica do Netlli**, Crato, v. 8., n. 2., 2019, p. 01-10.

Sobre os editores

Natal Almeida Simões Neto: Graduado em Letras Vernáculas pela Universidade Federal da Bahia. Mestre pelo Programa de Pós-graduação em Língua e Cultura, da Universidade Federal da Bahia, onde, atualmente, realiza o curso de doutorado. Professor substituto da Universidade Estadual de Feira de Santana. Integra o Programa Para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR), realizando pesquisas sobre morfologia, léxico, antroponímia e semântica. Atuou na organização das coletâneas “Olhares sobre o léxico: perspectivas de estudos” (EDUNEB, 2018) e “Redes lexicais: descrições, análises e histórias” (Editora Mares, 2016). É autor de artigos publicados em livros e periódicos nacionais e internacionais.

Matheus Santos Oliveira: Possui Graduação em Letras e Mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Estadual de Feira de Santana. Atualmente, é doutorando em Língua e Cultura, pela Universidade Federal da Bahia. Debruça-se sobre a pesquisa na área de Linguística Histórica. Coordena cursos de extensão universitária no Programa Portal (UEFS). Possui experiência como professor de Língua Portuguesa no ensino médio das redes pública e privada e como professor de Linguística (PARFOR/UEFS). Integra os projetos de pesquisa Programa para a História da Língua Portuguesa (PROHPOR) e a equipe baiana do Programa Para a História do Português Brasileiro (PHPB-Ba), além do Tycho Brahe (Unicamp). Tem publicações nas áreas de Linguística Histórica, Análise de Discurso e ensino-aprendizagem de português em livros e revistas científicas nacionais e internacionais. É membro da ABRALIN (Associação Brasileira de Linguística) e da AOTP (American Organization of Teachers of Portuguese), da University of Pittsburgh, nos Estados Unidos.

Antonia Vieira dos Santos: Possui Graduação em Letras/Português pela Universidade de Brasília, Mestrado em Lingüística Portuguesa pela Universidade de Coimbra, e Doutorado em Letras pela Universidade Federal da Bahia. Foi professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia - UNEB. Atualmente, é professora adjunta da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Linguística Histórica, atuando principalmente nas áreas de formação de palavras, léxico e morfologia. Integra o Grupo de Pesquisa PROHPOR - Programa para a História da Língua Portuguesa, sediado no Instituto de Letras da UFBA.